



DOM QUIXOTE EM CORDEL: MIGUEL DE CERVANTES E O RENASCIMENTO NA ESPANHA (1547-1616)

Kalhil Gibran Melo de Lucena¹

RESUMO

Ao lermos a obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, podemos construir um pertinente diálogo entre a Literatura e a História, nos fazendo despertar um olhar interessante acerca do contexto histórico que cercava o Renascimento na Espanha, na Modernidade. Dentro dessa perspectiva, o *Projeto Dom Quixote em Cordel* se propôs a trabalhar com o uso da literatura de cordel como ferramenta didática, no sentido de apresentar aos adolescentes do Ensino Fundamental e Médio, das escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, como se procedeu o Renascimento na Espanha, entre os anos de 1547 a 1616, período que corresponde aos anos de vida de Miguel de Cervantes. Corolariamente, se faz pertinente perceber que os folhetos de cordéis se apresentam como leituras dinâmicas e envolventes, e a rima e musicalidade dos seus versos podem ser aproveitadas em sala de aula com o objetivo de construir conhecimento, instigar a criatividade e fomentar interessantes debates.

Palavras-chave: Dom Quixote, literatura de cordel, ensino de história.

ABSTRACT

In reading the works of Miguel de Cervantes, *Don Quixote de La Mancha*, we can construct an appropriate dialogue between literature and history, making us wake up an interesting look about the historical context surrounding the Renaissance in Spain, in Modernity. Within this perspective, the Project *Don Quixote in Cordel* was proposed to work with the use of string literature as a teaching tool, to introduce teenagers on elementary and secondary school, public schools in the metropolitan area of Recife, proceeded as if the Renaissance in Spain between the years 1547 to 1616, a period that corresponds to the years of life of Miguel de Cervantes. Corollary, it is pertinent to realize that the written twine themselves as dynamic and engaging reading, and rhyme and musicality of his verse can be harnessed in the classroom in order to build knowledge, foster creativity and instigate interesting debates.

Keywords: Don Quixote, string literature, history education.

¹ Estudante de graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. kakogibinha@yahoo.com.br



A obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, se propôs a rastrear o episódio histórico de sua presente época, com intuito de entreter, levantar reflexão e fomentar discussões. Investigando-se as marcas deixadas ao longo do tempo pela literatura de Cervantes é possível perceber o quanto ela tem de valor histórico e documental, deixando-nos a possibilidade de se utilizarmos hoje de uma pertinente interdisciplinaridade. Vale destacar, também, que o desfecho dessa obra abriu caminhos para uma forma inovadora de se escrever, revolucionando o sistema literário de sua época. *Dom Quixote de La Mancha* representou um sonho distante na tentativa de construção de uma Espanha em que se conseguisse viver numa sociedade melhor e mais democrática.

Dom Quixote de La Mancha é um dos livros mais traduzidos da literatura mundial, com ele nasce o romance moderno. A história é apresentada sob a forma de novela realista. O livro é um dos primeiros das línguas europeias modernas e é considerado por muitos o expoente máximo da literatura espanhola. Observa-se na obra de Cervantes o idealismo da cavalaria e o realismo renascentista sendo simbolizados nos dois personagens centrais.

O personagem *Dom Quixote* representa o lado espiritual, sublime e nobre da natureza humana; *Sancho Pança*, o aspecto materialista, rude, animal. Nesse ínterim, o escritor peruano *Mário Vargas Llosa* nos diz que:

Dom Quixote e Sancho Pança. Aí estão ainda, mesmo que chova, ruja o trovão, queime o sol, ou caiam estrelas no grande silêncio da noite polar, ou caiam estrelas no deserto, ou queime o sol, nas manhãs da selva. Dom Quixote e Sancho Pança, discutindo, vendo e entendendo coisas distintas, em tudo o que encontram e escutam. Porém, em que pese divergirem tanto, necessitam-se, cada vez mais, indissolúvelmente unidos, nesta estranha aliança, que é a aliança do sonho e da vigília, do real e do ideal, da vida e da morte, do espírito e da carne, da ficção com a realidade. (LLOSA, Mario Vargas – 2004).

Dom Quixote de La Mancha é um documento histórico precioso, e continua vivo em nossos tempos. É uma obra que devemos procurar compreendê-la em sua dimensão interventora de sátira. Cervantes satirizou os romances de cavalaria que, aliás, continuaram desfrutando de prestígio na Espanha do século XVII. *Dom Quixote* é uma obra de maturidade intelectual ímpar. Entrementes *Llosa* elucidada que:

A modernidade de *Dom Quixote* reside em seu espírito rebelde, justiceiro, que leva o personagem a assumir como sua responsabilidade pessoal, mudar o mundo para melhor. Mesmo, quando ao tratar de por em prática esta mudança, se equivoca, se arreventa, bate-se contra moinhos de vento - obstáculos intransponíveis, e é golpeado, vexado, e até convertido em objeto de chacota e riso. (...) Ainda que não saibam, os romancistas modernos, os escritores contemporâneos, quando jogam com as formas, distorcem o



tempo, embaralham e enredam os pontos de vista, experimentam com a linguagem, são todos devedores de Cervantes. (LIOSA, Mario Vargas – 2004).

A obra de Cervantes relata que de tanto ler histórias de cavalaria, um ingênuo fidalgo espanhol passa a acreditar piamente nos efeitos heróicos dos cavaleiros medievais e decide se tornar, ele também, um cavaleiro andante. Para tanto, recorre a uma armadura enferrujada que fora de seu bisavô, confecciona uma viseira de papelão e se auto-intitula Dom Quixote de La Mancha, e ainda escolhe um acompanhante, o escudeiro Sancho Pança. Como todo cavaleiro, ele precisa de uma dama a quem honrar. Elege então uma lavradora que só conhece de vista e a chama de Dulcinéia. Depois de tomar essas providências, monta em seu decrepito cavalo Rocinante e foge de casa em busca de aventuras.

Entre os anos de 1606 e 1610 a competição de ingleses e holandeses fez com que as transações comerciais da Espanha com suas possessões na América declinassem. Aliás, a crise econômica espanhola refletiu duramente sobre Cervantes, que viveu pobremente os seus últimos anos. Contudo, é pertinente dizer que há articulação de temas históricos em *Dom Quixote*, e há também muita sofisticação na abordagem dos mesmos. A história de vida de Cervantes e a criação literária são categorias reflexivas, o que parece significar que *Dom Quixote* coincide também com as ilusões perdidas de um autor que, aos 58 anos, apresentava-se como uma das mais notórias mentalidades da Modernidade.

Dom Quixote é uma novela para o século XXI. É também uma novela de homens livres, quando debocha do poder e dos poderosos, na passagem em que o Sancho quer guardar seu burro dentro do Castelo da Duquesa. Ela o proíbe, alega a elevada dignidade do lugar. E Sancho Pança contesta: Porque só o meu burro não pode entrar em palácio? Porque não, senhora duquesa, se há até burros, secretários e ministros de Estado? (LIOSA, Mario Vargas – 2004).

Em 1605 é publicada a primeira parte de sua principal obra: *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Enquanto que a segunda parte é publicada em 1615: *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha*. Uma interessante curiosidade fica por conta que em 1614, ou seja, um ano antes da divulgação da segunda parte de sua obra, havia sido publicada uma falsa continuação por Alonso Fernández de Avellaneda.

Cervantes foi crítico árduo de idéias e crenças como as práticas de feitiçaria e as perseguições movidas pela intolerância religiosa, predominantes num tempo dominado pelo fanatismo religioso e por superstições de todo tipo. No tempo de Cervantes, um homem poderia revelar o seu valor notabilizando-se pelo exercício das armas ou das letras. Cervantes, exemplo de mentalidade moderna — haja vista que o *Dom Quixote* serviu-lhe como



instrumento de combate ao obscurantismo da cultura medieval —, constrói frequentes paralelos entre esses honrosos ofícios.

O fraco reconhecimento que a Espanha conferiu ao autor em vida, digna de nota, fica por conta dos livros seculares que naquela época eram censurados pela Igreja na Península Ibérica. Embaixadores franceses pasmaram-se em saber da ingrata sorte do criador de *Dom Quixote*, cuja primeira parte da obra já circulava pela Europa desde 1605. Pobre e esquecido, e já no final da vida, Cervantes ainda escrevia para tentar se sustentar. Que reino era a Espanha que lhe permitiu tal destino? Indagou com uma ponta de indignação um dos membros da embaixada francesa.

Miguel de Cervantes morreu em 23 de abril de 1616, o mesmo dia da morte do inglês Shakespeare, o autor de *Hamlet*. Eles foram contemporâneos perfeitos, ambos foram geniais. A estatura colossal de *Dom Quixote* é normalmente comparada à grandeza de *Hamlet*. Ao ler hoje a história do cavaleiro andante, percebemos que a obra não se contenta em ser mais uma história daquelas contadas a respeito de bravatas de heróis, constitui-se como uma anti-história. Tudo utilizado para ressaltar muito sutilmente as diferenças substanciais entre o sonho e a aspereza da realidade.

O tempo fez com que *Dom Quixote* se transformasse em um clássico da literatura mundial. O espírito de Cervantes, desafiador, tornou-o capaz de criar algo estranho ao sistema literário de seu tempo. Mas, a sua originalidade seria o bastante para isolá-lo como ponto diferencial de uma época, de um gênero, de um estilo, tornando-o alvo preferencial da posteridade. Ao lidar com os devaneios da razão — espada sempre afiada e de manejo difícil e perigoso —, o autor descobriu substância de interesse eterno. Assim, decorridos quatro séculos, *Dom Quixote de La Mancha* ainda se mostra como uma obra-prima, deixada por Miguel de Cervantes ao mundo.

Entrementes, a idéia dessa pesquisa se deu por conta de que desde pequenino fui um admirador e amante da literatura de cordel. Isso porque, meu pai é radialista e cordelista (versos escritos e na viola), na cidade de Mossoró – RN. E dentro dessa perspectiva a obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, encaixou-se perfeitamente. Afinal de contas, foi do romanceiro ibérico que a literatura de cordel do Nordeste brasileiro recebeu forte influência. Ela está, inicialmente, ligada a romances ou novelas de cavalaria, histórias de amor, narrativas de guerras, etc. Na Espanha a literatura de cordel era chamada de *Pliegos Sultos* - folhas volantes. Outra questão que justifica a escolha dessa temática é porque tive uma professora, da disciplina de História Moderna I, a professora Dr^a. Alcileide Cabral, que



demonstrava um expressivo interesse e entusiasmo pela Literatura espanhola. Assim, fui naturalmente envolvido pela sua sugestão.

Miguel de Cervantes foi um homem muito polêmico, por sua vida aventurosa e por suas estranhas relações com a política e o poder. Autor complexo e enigmático, não houve modelo teórico capaz de abranger o sentido geral de sua obra. Com quase sessenta anos de idade, quando enfrentava uma sequência de desacertos profissionais, ele veio a dar vida ao cavaleiro andante. Nesse ínterim, Cervantes, Dom Quixote de La Mancha e o Renascimento na Espanha apresentaram-se como eixos centrais da pesquisa em questão.

O presente trabalho se propôs a investigar a relação da obra de Cervantes com o contexto histórico que se deu no período do Renascimento na Espanha, entre os anos 1547 a 1616, período que marcou a presença desse autor na terra dos vivos. As pesquisas foram realizadas em bibliotecas públicas do Estado de Pernambuco e também pela Internet. Sem dúvidas, esse projeto muito contribuiu como incentivo à leitura, e à formação cognitiva de adolescentes do Ensino Médio, promovendo uma relevante relação de interdisciplinaridade entre a Literatura e a História, além de considerar o lúdico como ferramenta relevante no processo de ensino-aprendizagem. Diante desse contexto, Flávia Heloisa Caimi afirma que:

Trabalhar com o lúdico e levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. (CAIMI, Flávia Heloisa – 2006).

Entende-se, portanto, que é de fundamental importância o rompimento com o modelo tradicional do ensino, afinal de contas os alunos não são uma folha em branco, nem são sujeitos a-históricos, como pregava o empirismo, e conseqüentemente o behaviorismo. Conseqüentemente, o discente também não é um depósito inútil em que se faça necessário regurgitar ou despejar os conteúdos. Ao contrário, eles são a síntese de múltiplas determinações e trazem consigo bagagens muito ricas de experiências. Contudo, esta mudança de percebê-los na condição de ser histórico, social, ativo, cidadão de direitos e deveres pode orientar os educadores a uma perspectiva de prática pedagógica dialógica, plural e prazerosa.

Entretanto, o presente projeto teve como objetivo geral analisar no âmbito das práticas discursivas como se procedeu o Renascimento na Espanha, entre os anos de 1547 a 1616, período que corresponde aos anos de vida de Miguel de Cervantes, buscando a partir da sua ilustre obra, Dom Quixote de La Mancha, compreender as permanências e rupturas da Modernidade com o pensamento Medieval, assim como a relevante relação entre a Literatura



e a História. Já como objetivos específicos o presente projeto se propôs a avaliar a repercussão da obra de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha, com o contexto histórico que cercou o Renascimento na Espanha; investigar as rupturas e permanências da Modernidade para com o pensamento Medieval, a partir da obra de Cervantes; Analisar como a história de Dom Quixote atravessou os séculos e continua atraindo leitores de todo o mundo. Corolariamente houve a produção de uma literatura de cordel acerca da obra de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha. Promovendo-se, assim, o interesse dos alunos do Ensino Médio, das escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, pela Literatura e pela História, através da linguagem lúdica do cordel.

Leituras que procuram relacionar temas literários a abordagens históricas vêm conquistando uma expressiva relevância no campo das Ciências Humanas. Ao que parece, a Literatura entrou de forma decisiva no campo de reflexão dos historiadores da Nova História Cultural. Essa corrente historiográfica tem como uma de suas características uma teoria interpretativa de textos em que os historiadores têm procurado estabelecer conexões entre as dimensões sociais presentes na obra ficcional e os aspectos históricos inerentes à obra literária. Atualmente, as perspectivas que buscam a aproximação entre a história e a literatura foram acentuadas.

Autor cuja versatilidade permite explorar assuntos tão diversos quanto a historiografia literária e a sociabilidade do século XVIII, a história cultural e a literatura de cordel, as formas de discurso escrito e o mundo da computação, Roger Chartier tem-se destacado no cenário acadêmico como um dos mais importantes pensadores da atualidade, dedicando-se, sobretudo, ao instigante universo das práticas de leitura. Ele trata da questão da leitura sob uma perspectiva genérica, isto é, enquanto prática capaz de determinar a própria conformação do texto escrito. Chartier promove uma verdadeira revisão tanto dos conceitos relacionados à escrita e à leitura quanto de idéias pertinentes à estética e à crítica.

A Nova História prega que a narrativa faz da História motivo de representação e tema de reescrita, valorizando o seu poder de sedução. A natureza e a legitimidade do conhecimento histórico são questionadas pelo romance, que se revela organizador da História, através da Ficção, refletindo sobre o próprio desenvolvimento da narrativa. Assim, Chartier esclarece-nos:

A História Cultural é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem



as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, Roger – 1990).

Outro ponto pertinente em Chartier, por exemplo, é que torna-se impossível se estabelecer uma distinção radical entre cultura popular e cultura erudita, pois assinala-se que há circulações fluidas, práticas partilhadas e diferenças imbricadas entre o popular e o erudito, ao afirmar que:

(...) também não parece ser possível identificar a diferença e a radical especificidade da cultura popular a partir de textos, de crenças, de códigos que lhe seriam próprios. Todos os materiais das práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições, cultura letrada e base folclórica. (CHARTIER, Roger – 1990).

Dentro dessa perspectiva procurando seguir os conselhos desse autor, é importante levar em conta que o cordel e o cordelista recebem e receberam inúmeras influências, oriundas dos gostos das cidades ou dos hábitos de outros segmentos sociais. Nenhum cordel traz em si uma expressão cultural pura ou realmente autêntica por seu autor pertencer exclusivamente a algum grupo ou região isolada. Em outro sentido, o texto do cordel pode possuir variados e diferentes significados para o seu autor, seus ouvintes e leitores. Todas estas considerações, entretanto, não invalidam a sua utilização como uma fonte possível para se tentar compreender as visões de mundo, os valores e as expectativas dos cordelistas, sempre em diálogo aberto com um público majoritariamente formado por trabalhadores pobres e despossuídos.²

Maria Augusta da Costa Vieira, em seu livro *O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote*, nos dirá que durante os quase quatrocentos anos da obra de Miguel de Cervantes, é pertinente perceber que muito se fala a respeito dela, mas na realidade, comparativamente, ela é pouco lida, por ser um texto volumoso e complexo.

Todavia, Chartier (2002) nos diz que sempre haverá um público interessado nos acontecimentos através do manto da fantasia e da ficção literária, que torna os eventos passados acessíveis e as personagens e figuras históricas extremamente humanas na sua condição de heróis, homens ou agentes do processo histórico. A narrativa de cunho

² GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A literatura de cordel na sala de aula*. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 120.



historiográfico continua cativando na contemporaneidade uma parcela considerável de leitores.

Assim, a partir de inúmeras possibilidades de se transitar na História, da interdisciplinaridade e da diversificação dos documentos, esse projeto se apoiou na Nova História Cultural para contextualizar a biografia de Cervantes, com a sua obra *Dom Quixote*, passando também pela História da Espanha Renascentista.

Ao problematizar-se o passado se percebe que algo pertinente de reflexão fica por conta de cruzamos as informações para aumentar o leque de oportunidades de se construir a História. Todavia, a partir da Literatura, da História e do Folheto de Cordel, tornou-se possível executar o projeto Dom Quixote em Cordel: Miguel de Cervantes e o Renascimento na Espanha, na Comunidade do Vietnã – em Piedade, Jaboatão dos Guararapes, PE – com alunos do Ensino Fundamental.

A metodologia que foi utilizada teve como ponto de partida os estudos e as discussões historiográficas em relação ao presente tema e período histórico em questão. A literatura de cordel serviu como um instrumento lúdico para viabilizar esse processo de diálogo entre o passado e o presente. Afinal de contas, ela está inicialmente ligada a romances ou novelas de cavalaria, histórias de amor, narrativas de guerras, etc.

É relevante perceber que os folhetos de cordéis se apresentam como leituras dinâmicas e envolventes. E sua diversidade pode ser aproveitada em sala de aula, com o objetivo de construir conhecimento. E é nessa perspectiva, apresentando-se como ferramenta didática, que o *Projeto Dom Quixote em Cordel* se propôs a trabalhar.

Inicialmente era contada a História da literatura de cordel e conseqüentemente a história de Dom Quixote, isso a partir do cordel de J. Borges intitulado *Dom Quixote em Cordel*, depois cada aluno participante tinha a oportunidade de também ler versos do cordel, além de também produzir seu próprio folheto. Nesse ínterim, era explicado a eles a importância da capa com a xilogravura, que já é uma outra arte. Assim, foram produzidos cordéis pelos próprios alunos instigando as suas criatividade.

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões em sala de aula. Qualquer que seja o método de abordagem do professor, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado, conscientizando o aluno de seu papel de



herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura (PINHEIRO; LÚCIO, 2001).

Através da concretização desse projeto objetivou-se compreender ainda mais as relações de rupturas e permanências do pensamento Medieval para o Moderno, e a obra de Miguel de Cervantes é extremamente embasadora para esse processo, pois seu trabalho literário possuiu uma relação dialógica muito forte com a História. Contudo, a elaboração dessa pesquisa foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, isso porque, concedeu-me a oportunidade de fazer importantes leituras que aumentaram consideravelmente o meu grau de produção de conhecimento. Diante das leituras que fiz acerca da presente temática foi possível constatar a relevância da obra de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha, e de como é necessário e importante trabalhar com a interdisciplinaridade na escola.

Em suma, é de fundamental importância que fique claro que as problematizações e discussões contidas no presente artigo não põem um ponto final nos diálogos acerca da interdisciplinaridade entre a História e a Literatura, contudo, o objetivo principal foi de contribuir um pouco mais para uma reflexão e entendimento sobre essa questão.

Referências

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BORGES, J. **Dom Quixote em Cordel**. Recife: LGE, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAIMI, Flávia Heloisa. **Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Niterói, RJ: Tempo, volume 11, 2006.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Volume I – Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Volume II – Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Martin Claret, 2007.



CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DANTAS, San Diego. **D. Quixote**: Um apólogo da alma ocidental. Brasília: UNB, 1997.

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DUBY, G.; LARDREAU, G. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A literatura de Cordel na Sala de Aula*. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LLOSA, Mario Vargas. **Una novela para el siglo XXI**. Real Academia Española: Madrid, 2004.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

REZENDE, Antônio Paulo; DIDIER, Maria Thereza. **A construção da Modernidade: O Brasil Colônia e o Mundo Moderno**. São Paulo: Atual, 1996.

SÁEZ, Fernando; DELGADO, Consuelo. **Historias de Don Quijote**. Madrid: Todolibro, 2003.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **O dito pelo não-dito**: paradoxos de Dom Quixote. São Paulo: EDUSP, 1998.

Filme: **Don Quixote**. *Diretor*: Orson Welles; *Produção*: Jess Franco; *Duração*: 116 min.; Espanha: Continental, 1992.

Filme Infantil: **Donkey Xote**. *Diretor*: Jose Pozo; *Produção*: Julio Fernández, Sergio Toffetti; *Duração*: 90 min.; Espanha/ Itália: Imagem Filmes, 2007.

Site: <http://www.portradasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/quixote2> - Acessado em 05/09/09.

Site: <http://www.espacoacademico.com.br/053/531lopes.htm> - Acessado em 05/09/09.

Site: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u139.jhtm> - Acessado em 08/09/09.